



Estudo Nacional sobre o Racismo no Futebol em Portugal: Perceções e vivências

Ficha técnica

Título

Estudo Nacional sobre o Racismo no Futebol em Portugal: Perceções e vivências

Projeto

[Black Lives Matter in Football – Matosinhos](#)

Entidade responsável

[Associação Plano i](#)

Autoria

Sofia Neves (Coord.), Janete Borges, Joana Topa, Estefânia Silva e Fernando Borges

Entidade co-financiadora

[Fare Network](#)

Distribuição digital gratuita

Março de 2021

Índice

1. Introdução	4
----------------------	---

2. Método	5
2.1. Instrumento	5
2.2. Procedimentos	5
2.3. Tratamento e análise de dados	6
2.4. Participantes	6
2.5. Resultados principais – Dados quantitativos	9
2.6. Resultados principais – Dados qualitativos	27
2.7. Relações entre variáveis	39

3. Considerações Finais	47
--------------------------------	----

1. Introdução

O racismo é um problema estrutural que se manifesta em vários contextos da sociedade portuguesa, entre os quais o da prática desportiva. No futebol, muito em concreto, têm sido várias as evidências que apontam para o facto das pessoas atletas racializadas serem frequentemente expostas a atitudes e comportamentos racistas, com o caso do atleta Moussa Marega, ocorrido em fevereiro de 2020, a destacar-se como um dos mais mediatizados.

Ciente da expansão da visibilidade e gravidade do fenómeno na Europa e no mundo, e na tentativa de o mitigar, a Fare Network lançou, em junho de 2020, uma linha de financiamento destinada a apoiar projetos que visassem prevenir e combater o racismo no futebol – *Black Lives Matter in Football*, tendo a Associação Plano i sido a única entidade portuguesa a ver aprovada uma candidatura, o Projeto *Black Lives Matter in Football* – Matosinhos, com um orçamento de 900€.

O Projeto, a par de outras atividades que podem ser consultadas no site, contemplou o desenvolvimento do **Estudo Nacional sobre o Racismo no Futebol em Portugal: Perceções e vivências**, doravante designado por Estudo, sobre o qual versa este documento. Trata-se de um Estudo pioneiro, realizado *pro bono* por uma equipa de pessoas investigadoras de áreas disciplinares diversas, nomeadamente da Psicologia Social, Matemática Aplicada e Ciências da Comunicação e da Informação.

Tendo como **objetivo central** a caracterização da forma como as pessoas percecionam e vivenciam situações de racismo no contexto da prática do futebol em Portugal, foram **objetivos específicos** do Estudo os seguintes:

- a) Determinar a expressão do racismo e de outras formas de discriminação no futebol em Portugal, a partir da ótica de intervenientes diretos e indiretos;
- b) Analisar como se caracterizam as perceções e as vivências de racismo no futebol em Portugal em função do sexo, da idade e da condição dos/as intervenientes;
- c) Aferir os mecanismos de (ir)resolução dos casos de racismo no futebol em Portugal e a sua (in)eficácia;
- d) Mapear potenciais medidas promotoras da prevenção e do combate ao racismo no futebol em Portugal.

O presente documento compila os **principais resultados** do Estudo.

2. Método

2.1. Instrumento

Para a recolha dos dados foi utilizado um [inquérito por questionário online](#), de preenchimento anónimo, construído originalmente para o Estudo depois de efetuada, pela equipa de investigação, uma revisão da Literatura nacional e internacional especializada. O mesmo é constituído, na sua secção 1, por perguntas de caracterização sociodemográfica, sendo a secção 2 composta por perguntas abertas e fechadas relativas à discriminação e ao racismo na prática do futebol em Portugal. A secção 3 é destinada a eventuais observações finais, a serem registadas pelas pessoas participantes.

No total, o inquérito por questionário apresenta **27 questões**, não sendo todas de carácter obrigatório. Na parte inicial do instrumento é apresentado o objetivo do Estudo, bem como o seu enquadramento, e solicitado o consentimento informado. Na sua parte final são fornecidas informações às pessoas participantes sobre que entidades acionar em caso de vitimação por racismo.

2.2. Procedimentos

O Estudo foi divulgado através das redes sociais e do site da Associação Plano i, das redes sociais e dos sites das entidades parceiras, bem como através do envio de emails a pessoas e entidades que pudessem ser potenciais participantes. Foram **critérios de inclusão** na amostra pertencer a uma das seguintes categorias:

- Adepto/a
- Agente desportivo/a
- Atleta amador/a
- Atleta profissional
- Dirigente desportivo/a
- Encarregado/a de educação
- Equipa de arbitragem
- Jornalista
- Outro elemento da equipa técnica
- *Staff* (e.g., médico, comunicação, RP)
- Treinador/a

Os dados foram recolhidos de **outubro de 2020 a fevereiro de 2021**.

2.3. Tratamento e análise de dados

Os dados quantitativos foram sujeitos a uma **análise estatística descritiva e indutiva**, assumindo um nível de significância de 5%, com recurso ao programa *IBM SPSS Software*, versão 27. Os dados qualitativos foram sujeitos a uma **análise temática**.

2.4. Participantes

Responderam ao inquérito por questionário 1736 pessoas, tendo sido consideradas válidas **1681 respostas**. Destas, 456 foram dadas por pessoas que se autoidentificaram como mulheres, 1221 que se autoidentificaram como homens e 4 que se autoidentificaram como “outro” (Cf. Tabela 1).

Mulheres	Homens	Outro
456	1221	4
27.1%	72.6%	0.2%

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica da amostra (número e percentagem de participantes, em função do sexo).

Quanto às **faixas etárias**, 10.3% das pessoas participantes têm idades iguais ou inferiores a 18 anos, sendo 12.7% do sexo feminino e 9.4% do sexo masculino; 24.2% têm idades compreendidas entre os 19 e os 24 anos, sendo 35.1% do sexo feminino e 20.1% do sexo masculino; 32.1% têm idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos, sendo 27.4% do sexo feminino e 33.9% do sexo masculino; e 33.4% têm 40 anos ou mais, sendo 24.8% do sexo feminino e 36.6% do sexo masculino (Cf. Gráfico 1).

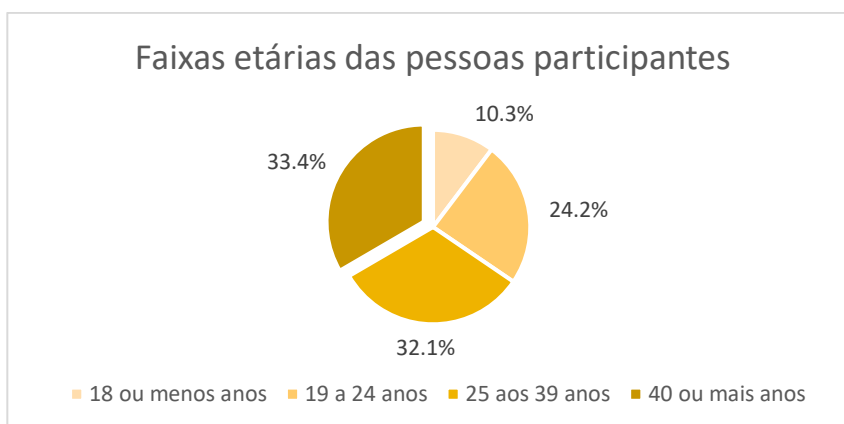


Gráfico 1 - Caracterização sociodemográfica da amostra (percentagem de participantes, em função da faixa etária).

A quase totalidade da amostra (89.6%) tem **nacionalidade** portuguesa. Relativamente à **zona de residência**, 44.1% das pessoas participantes vivem na zona Norte do país, 19.2% na área metropolitana de Lisboa, 18% na zona Centro, 3.5% no Alentejo, 2.4% na zona do Algarve, 2.2% na Madeira e 2% nos Açores (Cf. Gráfico 2).

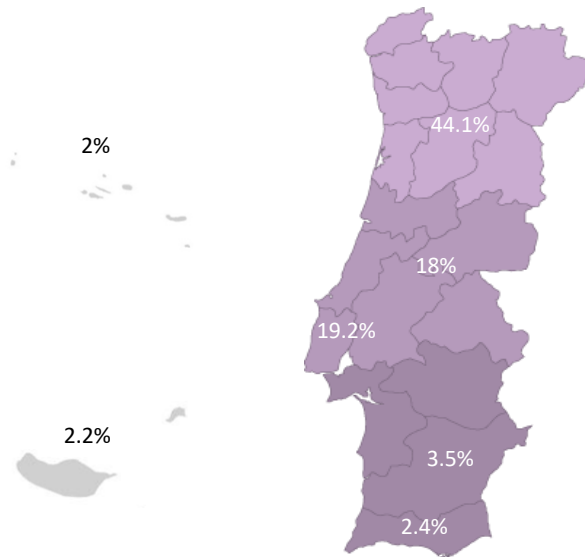


Gráfico 2 - Caracterização sociodemográfica da amostra (percentagem de participantes, em função da zona geográfica de residência).

Ao nível de **habilitações literárias**, 36.5% das pessoas participantes têm o ensino secundário, 33.9% têm licenciatura, 14.1% têm mestrado, 4.1% têm o ensino básico e 1.5% têm o doutoramento (Cf. Gráfico 3).

Habilitações académicas das pessoas participantes

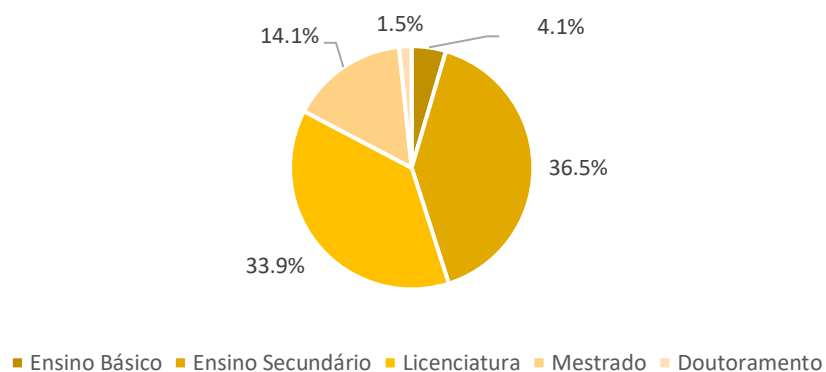


Gráfico 3 - Caracterização sociodemográfica da amostra (percentagem de participantes, em função das habilitações literárias).

Quanto à **ocupação**, 42.5% das pessoas participantes são trabalhadoras dependentes, 23.1% são estudantes, 11.2% são trabalhadoras independentes, 7.3% são trabalhadoras-estudantes, 5.8% estão desempregadas e 1.4% são reformadas.

Em termos da sua **condição enquanto participantes**, 24.9% são pessoas adeptas, sendo 47.3% do sexo feminino e 52.3% do sexo masculino; 20% são pessoas treinadoras, sendo 6% do sexo feminino e 94% do sexo masculino; 16.5% são pessoas atletas amadoras, sendo 23% do sexo feminino e 76.6% do sexo masculino; 11.7% fazem parte da equipa de arbitragem, sendo 17.3% do sexo feminino e 82.7% do sexo masculino; 8.6% são pessoas dirigentes desportivas, sendo 22.9% do sexo feminino e 76.4% do sexo masculino; 5.5% são pessoas encarregadas de educação, sendo 51.1% do sexo feminino e 48.9% do sexo masculino; 3.4% são jornalistas, sendo 28.1% do sexo feminino e 71.9% do sexo masculino; 3% são agentes desportivos/as, sendo 8% do sexo feminino e 92% do sexo masculino; 2.6% das pessoas pertencem ao *staff* (e.g., médico/a, comunicação, RP), sendo 44.2% do sexo feminino e 55.8% do sexo masculino; 2% são atletas profissionais, sendo 54.5% do sexo feminino e 45.5% do sexo masculino; e 2% das pessoas são outros elementos da equipa técnica, sendo 9.1% do sexo feminino e 90.9% do sexo masculino (Cf. Tabela 2).

Categoria de participantes	Percentagem
Adeptos/as	24.9%
Agentes desportivos/as	3%
Atletas amadores/as	16.5%
Atletas profissionais	2%
Dirigentes desportivos/as	8.6%
Encarregados/as de educação	5.5%
Equipa de arbitragem	11.7%
Jornalistas	3.4%
Outros elementos da equipa técnica	2%
<i>Staff</i>	2.6%
Treinadores/as	20%

Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica da amostra (percentagem de participantes, em função da condição).

Das pessoas que se identificaram como atletas, 81% referiram praticar futebol há mais de 5 anos, sendo 17.9% do sexo feminino e 82.1% do sexo masculino. Cerca de 37.3% praticam há menos de 5 anos. No caso das pessoas treinadoras, 73.8% exercem a profissão há mais de 5 anos, sendo 4% do sexo feminino e 96% do sexo masculino. Cerca de 26.2% treinam há menos de 5 anos. No que respeita às pessoas dirigentes, 62.9% exercem a profissão há mais de 5 anos, sendo 22.2% do sexo feminino e 77.8% do sexo masculino. Cerca de 37.1% exercem há menos de 5 anos. Relativamente à divisão onde os clubes jogam, 37.2% das pessoas responderam ser na 1ª Liga, 10.4% no Campeonato de Portugal, 6.1% na divisão de elite e 4.3% na 2ª Liga. Cerca de 42% responderam jogar noutras divisões.

2.5. Resultados principais – Dados quantitativos¹

• **DISCRIMINAÇÃO**

Os/As participantes do estudo identificaram como os cinco principais motivos de discriminação no futebol português **o género, a cor da pele, a etnia, a orientação sexual/identidade de género e as questões da diversidade funcional** (e.g., deficiência física). Para todos os eixos de discriminação, a percentagem de mulheres que respondeu afirmativamente é significativamente maior do que a dos homens (Cf. Tabela 3).



Principais fatores de discriminação		
Género	75.9%	41.5%
Cor da Pele	68.4%	49.5%
Etnia	64.0%	45.5%
Orientação Sexual/Identidade de Género	58.6%	46.4%
Diversidade funcional	56.1%	37.7%

Tabela 3 - Caracterização dos principais fatores de discriminação no futebol português em função do sexo.

¹ Legenda:



Sexo feminino



Sexo masculino

Para os/as agentes desportivos/as, a cor da pele e a etnia (48%) são os eixos mais expressivos, seguindo-se a orientação sexual/identidade de género (44%), o género (40%) e a diversidade funcional (36%).

Para os/as atletas amadores/as destacam-se a cor da pele (71.2%), seguida da etnia (60.8%), do género (53.6%), da orientação sexual/identidade de género (48.9%) e da diversidade funcional (42.1%). Já para os/as atletas profissionais sobressaem a cor da pele (51.5%), seguida do género (51.5%), da etnia (48.5%), da orientação sexual/identidade de género e da diversidade funcional (39.4%).

Para os/as dirigentes desportivos/as a orientação sexual/identidade de género (43.1%) surge como o primeiro motivo de discriminação, seguido da cor da pele (38.9%), da diversidade funcional (38.9%), da etnia (35.4%) e do género (34.7%).

Para as pessoas encarregadas de educação destaca-se a diversidade funcional (45.7%), seguida do género (41.3%), da orientação sexual/identidade de género (40.2%), da etnia (37%) e da cor da pele (35.9%).

Para as equipas de arbitragem a cor da pele (51.5%) é indicada como o motivo mais expressivo, seguido da etnia (46.4%), do género (44.9%), da orientação sexual/identidade de género (43.4%) e da diversidade funcional (38.8%).

Para os/as jornalistas o género destaca-se em 70.2% dos casos, seguido da etnia e da cor da pele (61.4%), da orientação sexual/identidade de género (57.9%) e da diversidade funcional (49.1%).

Para outros elementos da equipa técnica também se salienta o género (60.6%), seguido de orientação sexual/identidade de género (54.5%), da etnia (48.5%), da cor da pele (45.5%), da diversidade funcional (39.4%) e da nacionalidade (39.4%).

Para o *staff* o género volta a sobressair como motivo principal (67.4%), seguido da diversidade funcional (53.5%), da orientação sexual/identidade de género (48.8%), da cor da pele (44.2%) e da etnia (41.9%).

Para os/as treinadores/as, a orientação sexual/identidade de género ocupa o lugar cimeiro (47%), seguida do género (42%), da cor da pele (44.9%), da etnia (43.8%) e da diversidade funcional (39%).

No que se refere aos grupos etários, há variação na identificação dos tipos de discriminação. A cor da pele é o principal motivo apontado pelos grupos de participantes

com menos de 18 anos, entre os 19 e os 24 anos e entre os 25 e os 39 anos, mas não pelo grupo das pessoas com 40 anos ou mais.

Para os/as jovens com menos de 18 anos, a cor da pele é a principal razão de discriminação (72.3%), seguida da etnia (53.8%), do género (46.8%), da orientação sexual/identidade de género (45.1%) e da diversidade funcional (43.9%).

Para as pessoas entre os 19 e os 24 anos, a cor da pele é a principal razão de discriminação (71.5%), seguida da etnia (64.9%), do género (64.9%), da orientação sexual/identidade de género (55.8%) e da nacionalidade (49.1%).

Para as pessoas entre os 25 e os 39 anos, a cor da pele é a principal razão de discriminação (55.5%), seguida da orientação sexual/identidade de género (53.1%), do género (52.3%), da etnia (50.5%) e da diversidade funcional (43.2%).

Para as pessoas com 40 anos ou mais, a orientação sexual/identidade de género (43.4%) é a principal razão de discriminação, seguida do género (40.4%), da etnia (39.3%), da diversidade funcional (38.1%) e da cor da pele (36.1%).

- **RACISMO**

Cerca de 60% das pessoas participantes consideraram existir racismo no futebol em Portugal, sendo a percentagem de mulheres que respondeu afirmativamente (73.2%) superior à dos homens (50%). Apenas 26.8% das mulheres afirmaram não existir racismo no futebol em Portugal (cf. Tabela 4).

Na sua opinião existe racismo no futebol português?



	26.8% não concordam, 73.2% concordam.
	50% não concordam, 50% concordam.
TOTAL	43.8% não concordam, 56.2% concordam.

Tabela 4 – Percentagem de pessoas que concorda/não concorda que exista racismo no futebol português, em função do sexo.

Cerca de 73% dos/as atletas amadores/as consideraram existir racismo no futebol em Portugal, seguindo-se os/as jornalistas (68.4%), adeptos/as (65.2%), outros elementos da equipa técnica (63.6%), encarregados/as de educação (63%), atletas profissionais

(60.6%), dirigentes desportivos/as (60.4%), *staff* (55.8%), treinadores/as (55.7%) e agentes desportivos/as e equipas de arbitragem (52%).

No que se refere aos grupos etários, houve divergência de opiniões entre o grupo de pessoas com 40 anos ou mais e os restantes grupos etários. Para a maior parte das pessoas que respondeu ao inquérito por questionário com menos de 18 anos (71.7%), entre os 19 e os 24 anos (74.7%) e entre os 25 e os 39 anos (57%), existe racismo no futebol português. A maior parte das pessoas inquiridas com 40 anos ou mais (62.6%) considerou que não existe racismo no futebol português.

Alguma vez praticou alguma forma de racismo neste contexto?



	97.3% não praticaram, 0.3% alega ter praticado uma vez, 2.4% praticaram mais do que uma vez.
	94.8% não praticaram, 1.1% alegam ter praticado uma vez, 4.1% praticaram mais do que uma vez.
TOTAL	95.7% não praticaram, 0.8% alegam ter praticado uma vez, 3.5% praticaram mais do que uma vez.

Tabela 5 – Percentagem de pessoas que praticou/não praticou racismo no futebol português, em função do sexo.

A grande maioria das pessoas participantes (95.7%) referiu nunca ter praticado nenhuma forma de racismo no futebol em Portugal (Cf. Tabela 5). Cerca de 5% e 3% dos homens e das mulheres, respetivamente, admitiram já o ter feito mais do que uma vez. No grupo dos/as adeptos/as, 94.1% afirmaram nunca ter praticado um ato racista, 1.8% assumiram ter praticado uma vez e 4% mais do que uma vez.

Cerca de 92% dos/as agentes desportivos/as referiram nunca ter praticado um ato racista e 8.3% assumiram tê-lo feito mais do que uma vez.

95% dos/as atletas amadores/as responderam nunca ter praticado um ato racista, 0.5% assumiu ter praticado uma vez e 4.5% mais do que uma vez.

No grupo de dirigentes desportivos/as, 96.5% referiram nunca ter praticado um ato racista e 3.5% admitiram tê-lo feito mais do que uma vez.

Nas equipas de arbitragem, 96.1% afirmaram nunca ter praticado um ato racista e 3.9% admitiram tê-lo feito mais do que uma vez.

Quanto às pessoas jornalistas, 94.9% reportaram nunca ter praticado um ato racista e 5.1% assumiram tê-lo praticado uma vez.

No grupo dos/as treinadores/as, 96.6% mencionaram nunca ter praticado um ato racista e 3.4% admitiram tê-lo feito mais do que uma vez.

Os/As atletas profissionais, os/as encarregados/as de educação, os membros do *staff* e outros elementos da equipa técnica responderam nunca ter praticado um ato racista.

No que se refere aos grupos etários, todos negaram ter praticado atos racistas no futebol, em mais de 90% dos casos. No grupo com menos de 18 anos, 99.2 % afirmaram não o ter feito, no grupo entre os 19 e os 24 anos, 95.7%, no grupo entre os 25 e os 39 anos, 95.4%, e no grupo com 40 anos ou mais, 93.8%.

Alguma vez vivenciou/testemunhou atitudes e comportamentos racistas no futebol português?



	54.5% não vivenciaram/testemunharam, 5.4% alegaram ter assistido só uma vez e 40.1% assistiram mais do que uma vez.
	36.6% não vivenciaram/testemunharam, 5.1% alegaram ter assistido só uma vez e 58.4% assistiram mais do que uma vez.
TOTAL	42.9% não vivenciaram/testemunharam; 5.2% alegaram ter assistido só uma vez e 52% assistiram mais do que uma vez.

Tabela 6 – Percentagem de pessoas que vivenciou/testemunhou (ou não) racismo no futebol português, em função do sexo.

Cerca de 50% das pessoas participantes nunca vivenciaram/testemunharam qualquer atitude ou comportamento racista no futebol em Portugal (cf. Tabela 6). Cerca de 40% e 60% das mulheres e dos homens, respetivamente, assistiram mais do que uma vez a casos de racismo.

Cerca de 40% das pessoas adeptas responderam não ter vivenciado/testemunhado qualquer atitude ou comportamento racista no futebol português. Cerca de 6% afirmaram que sim, pelo menos uma vez, e 51.6% mais do que uma vez.

No grupo dos/as agentes desportivos/as, 41.7% reportaram não ter vivenciado/testemunhado qualquer atitude ou comportamento racista no futebol português. 58.3% afirmaram que sim, mais do que uma vez.

No grupo dos/as atletas amadores/as, 51% afirmaram não ter vivenciado/testemunhado qualquer atitude ou comportamento racista no futebol português. 5.4% afirmaram que sim, pelo menos uma vez, e 43.6% mais do que uma vez.

60% dos/as atletas profissionais mencionaram não ter vivenciado/testemunhado qualquer atitude ou comportamento racista no futebol português, sendo que 40% responderam positivamente, tendo estes casos ocorrido mais do que uma vez.

No que se refere aos/às dirigentes desportivos/as, 35.1% referiram não ter vivenciado/testemunhado qualquer atitude ou comportamento racista no futebol português. Cerca de 9% responderam positivamente, sendo que 56.1% referiram ter acontecido mais do que uma vez.

Cerca de 40% dos/as encarregados/as de educação não vivenciaram/testemunharam atitudes e comportamentos racistas no futebol português. 5.9% responderam que sim, pelo menos uma vez, e 50% mais do que uma vez.

Quase 57% dos membros das equipas de arbitragem referiram ter vivenciado/testemunhado qualquer atitude ou comportamento racista no futebol português. Em cerca de 3% tal aconteceu pelo menos uma vez e, em 53.9% mais do que uma vez. Cerca de 43% nunca estiveram expostos a estas situações.

No grupo de jornalistas, 33.3% referiram não ter vivenciado/testemunhado qualquer atitude ou comportamento racista no futebol português. 2.6% mencionaram que sim, uma vez, e 64.1% mais do que uma vez.

No grupo de outros elementos da equipa técnica, 33.3% não vivenciaram/testemunharam atitudes e comportamentos racistas no futebol português, enquanto 14.3% afirmaram que sim, uma vez, e 52.4% mais do que uma vez.

Já no grupo do *staff*, 45.8% responderam nunca ter vivenciado/testemunhado e 54.2% afirmaram que sim, mais do que uma vez.

No grupo de treinadores/as, 36.9% referiram não ter vivenciado/testemunhado qualquer atitude ou comportamento racista no futebol português, enquanto 4.7% afirmaram que sim, uma vez, e 58.4% mais do que uma vez.

No que se refere aos grupos etários, houve divergência de experiências entre as pessoas mais jovens e as menos jovens. Cerca de 60% das pessoas do grupo com menos de 18 anos responderam não ter vivenciado/testemunhado qualquer atitude ou comportamento racista no futebol português. Cerca de 9% afirmaram que sim, uma vez, e 32.3% mais do que uma vez.

No caso do grupo de pessoas com idades entre os 19 e os 24 anos, 48.7% afirmaram não ter vivenciado/testemunhado atitudes e comportamentos racistas no futebol

português, enquanto 5.3% responderam que sim, uma vez, e 46.1% mais do que uma vez.

37.8% das pessoas entre os 25 e os 39 anos afirmaram não ter vivenciado/testemunhado atitudes e comportamentos racistas no futebol português, enquanto 3.9% afirmaram que sim, uma vez, e 58.3% mais do que uma vez.

No caso das pessoas participantes com 40 anos ou mais, 32.4% afirmaram não ter vivenciado/testemunhado atitudes e comportamentos racistas no futebol português, enquanto 4.8% responderam que sim, uma vez, e 62.9% mais do que uma vez.

Quem foi informado/a desta situação?

Os/As participantes que manifestaram ter vivenciado/testemunhado atitudes e comportamentos racistas no futebol em Portugal informaram/denunciaram a situação a diferentes agentes/entidades. No caso das mulheres participantes, em cerca de 19% dos casos, a informação/denúncia foi feita às pessoas treinadoras, seguindo-se a equipa de arbitragem, em 18.4% das situações. Os homens informaram/denunciaram, em 20.3% dos casos, aos/às árbitros/as seguindo-se, em 16% das situações, as pessoas dirigentes.

Os/As adeptos/as informaram/denunciaram, em 19.1% dos casos, aos/às árbitros/as, em 18.4% aos meios de comunicação social e, em 17.4%, aos/às treinadores/as.

Os/As agentes desportivos/as informaram/denunciaram, em 20% dos casos, aos/às dirigentes desportivos/as, em 18% aos/às árbitros/as e, em 12%, às autoridades policiais.

Os/As atletas amadores/as informaram/denunciaram, em 27.3% dos casos, aos/às árbitros/as, em 25.5% aos/às treinadores/as e, em 15.1%, aos/às dirigentes desportivos/as.

Os/As atletas profissionais informaram/denunciaram, em 12.1% dos casos, aos/às árbitros/as, em 15.2% aos/às treinadores/as, em 6.1% aos/às dirigentes desportivos/as e aos meios de comunicação social.

Os/As dirigentes desportivos/as informaram/denunciaram, em 18.1% dos casos, aos/às árbitros/as, em 11.1% aos/às dirigentes desportivos/as e, em 9.7%, às autoridades policiais.

Os/As encarregados/as de educação informaram/denunciaram, em 13% dos casos, aos/às treinadores/as, em 12% aos/às dirigentes desportivos/as e, em 7.6%, aos/às árbitros/as.

Os elementos das equipas de arbitragem informaram/denunciaram aos/às árbitros/as, em 22.4% dos casos, aos/às dirigentes desportivos/as, em 17.9%, e aos/às treinadores/as, em 11.7%.

Os/As jornalistas informaram/denunciaram às autoridades policiais em 29.8% dos casos, aos meios de comunicação social, em 29.8%, e aos/às árbitros/as em 28.1%.

Os outros elementos da equipa técnica informaram/denunciaram, em 27.3% dos casos, aos/às treinadores/as, em 24.2%, aos/às árbitros/as e, em 21.1%, aos/às dirigentes desportivos/as.

Os elementos do *staff* informaram/denunciaram, em 20.9% dos casos, aos/às dirigentes desportivos/as e, em 16.3%, aos/às árbitros/as e às autoridades policiais.

Os/As treinadores/as informaram/denunciaram, em 17.3% dos casos, aos/às dirigentes desportivos, em 16.7%, aos/às árbitros/as e, em 13.4%, aos/às treinadores/as.

No que se refere aos grupos etários, 20.2% do grupo de pessoas com menos de 18 anos informaram/denunciaram aos/às árbitros/as, 17.9% aos/às treinadores/as e 12.1% às pessoas dirigentes. No caso do grupo com idades entre os 19 e os 24 anos, 25.3% informaram/denunciaram a situação aos/às árbitros/as, 23.1% aos/às treinadores/as, seguindo-se às pessoas dirigentes, em 18.9% das situações. 22.1% das pessoas entre os 25 e os 39 anos informaram/denunciaram a situação aos/às árbitros/as, 17.3% às pessoas dirigentes e 16.1% aos/às treinadores/as. No caso das pessoas participantes com 40 anos ou mais, 13.5% informaram/denunciaram a situação aos/às árbitros/as, 13.2% às pessoas dirigentes, 10.9% às pessoas treinadoras e 10.1% às autoridades policiais.

Quais as manifestações mais comuns de racismo no futebol português?

Cerca de 73% das mulheres selecionaram como manifestação mais comum de racismo no futebol em Portugal a violência verbal, 41.2% a violência psicológica, 16.2% a violência social, 11.6% a violência física e 4.2% a violência sexual (Cf. Tabela 7).

Relativamente aos homens, 49.6% selecionaram como manifestação mais comum de racismo no futebol em Portugal a violência verbal, 27.9% a violência psicológica, 10.8% a violência social, 6.1% a violência física e 1.6% a violência sexual.



Tipos de violência		
Verbal	72.6%	49.6%
Física	11.6%	6.1%
Psicológica	41.2%	27.9%
Social	16.2%	10.8%
Sexual	4.2%	1.6%

Tabela 7 - Percentagem dos tipos de violência associados ao racismo, em função do sexo.

Entre as manifestações de violência mais comuns, para os/as adeptos/as, estão a violência verbal (64.9%), a violência psicológica (39.1%) e a violência social (14.6%).

Para os/as agentes desportivos/as estão a violência verbal (48%), a violência psicológica (26%) e a violência social (18%).

Para os/as atletas amadores/as estão a violência verbal (72.3%), a violência psicológica (34.9%) e a violência social (12.9%).

Para os/as atletas profissionais estão a violência verbal (57.6%), a violência psicológica (39.4%) e a violência física (15.2%).

Para os/as dirigentes desportivos/as estão a violência verbal (38.9%), a violência psicológica (23.6%) e a violência social (6.3%).

Para os/as encarregados/as de educação estão a violência verbal (35.9%), a violência psicológica (19.6%) e a violência social (8.7%).

Para as equipas de arbitragem estão a violência verbal (52%), a violência psicológica (30.1%) e a violência social (11.2%).

Para os/as jornalistas estão a violência verbal (68.4%), a violência psicológica (28.1%) e a violência social (17.5%).

Para os outros elementos da equipa técnica estão a violência verbal (60.6%), a violência psicológica (36.4%) e a violência física (9.1%).

Para o *staff* estão a violência verbal (55.8%), a violência psicológica (37.2%) e a violência social (23.3%).

Para os/as treinadores/as estão a violência verbal (44%), a violência psicológica (25.9%) e a violência social (11%).

Quanto aos grupos etários, 71.1% das pessoas com menos de 18 anos selecionaram como manifestação mais comum de racismo no futebol em Portugal a violência verbal, 37% a violência psicológica e 13.9 % a violência social.

74% das pessoas com idades entre 19 e os 24 anos selecionaram a violência verbal, 41% a violência psicológica e 16.2% a violência social.

No grupo das pessoas com idades entre os 25 e os 39 anos, 56.8% selecionaram a violência verbal, 33.4% a violência psicológica e 12.8% a violência social.

Cerca de 37% das pessoas com 40 ou mais anos selecionaram a violência verbal, 21% a violência psicológica e 8.4% a violência social.

A quem é dirigido o racismo?

Cerca de 93% das mulheres consideraram que o racismo no futebol em Portugal se dirige a atletas, sendo que 17.4% entendem que o mesmo se dirige a atletas do sexo feminino e 74.9% ao sexo masculino. Cerca de 90% dos homens também consideraram que o racismo se dirige a atletas, sendo que 4.1% entendem que este se dirige a atletas do sexo feminino e 85.2% a atletas do sexo masculino.

Cerca de 66% das mulheres participantes consideraram que o racismo se dirige a pessoas treinadoras, sendo que 21.9% entendem que o mesmo se dirige a pessoas treinadoras do sexo feminino e 44% do sexo masculino. Cerca de 60% dos homens consideraram que racismo se dirige a pessoas treinadoras, sendo que 9.5% entendem que o mesmo se dirige a pessoas treinadoras do sexo feminino e 48.2% do sexo masculino.

Cerca de 53% das mulheres consideraram que o racismo se dirige a dirigentes desportivos/as, sendo que 15.3% entendem que este se dirige ao sexo feminino e 37.1% ao sexo masculino. Cerca de 40% dos homens consideraram que o racismo se dirige a dirigentes desportivos/as, sendo que 5.1% entendem que os alvos são do sexo feminino e 36.9% do sexo masculino.

Cerca de 40% das mulheres consideram que o racismo se dirige a pessoas encarregadas de educação, sendo que 15% entendem que o mesmo se dirige ao sexo feminino e 22.5% ao sexo masculino. Cerca de 40% dos homens consideraram que o racismo se dirige a encarregados/as de educação, sendo que 11.1% entendem que o mesmo se dirige ao sexo feminino e 29% ao sexo masculino.

Cerca de 54% das mulheres consideraram que o racismo se dirige a claques, sendo que 11.1% entendem que o mesmo se dirige a claques do sexo feminino e 42.8% a claques do sexo masculino. 53.3% dos homens consideraram que o racismo se dirige a claques, sendo que 3.6% entendem que o mesmo se dirige a claques do sexo feminino e 49.7% a claques do sexo masculino.

51.8% das mulheres consideraram que o racismo se dirige à equipa técnica, sendo que 16.8% entendem que o mesmo se dirige à equipa técnica do sexo feminino e 35% à equipa técnica do sexo masculino. 49.2% dos homens consideraram que o racismo se dirige à equipa técnica, sendo que 6.7% entendem que o mesmo se dirige à equipa técnica do sexo feminino e 42.5% à equipa técnica do sexo masculino.

Independentemente da condição a que se pertence, o entendimento maioritário das pessoas que responderam à questão é o de que o racismo tende a ser mais dirigido a homens, sendo essa a opinião de 95.8% dos/as agentes desportivos/as, 91.2% dos/as dirigentes desportivos/as, 90.8% dos/as adeptos, 89.3% dos/as treinadores/as, 88.2% dos/as encarregados/as de educação, 83.7% dos/as atletas amadores/as, 83.3% de elementos do *staff* e das pessoas das equipas de arbitragem, 82.1% dos/as jornalistas, 80% dos/as atletas profissionais e 66.7% de outros elementos da equipa técnica. A opinião de que o racismo se dirige tendencialmente ao sexo feminino foi expressa por 50% de elementos do *staff*, por 45.8% dos/as agentes desportivos/as, por 31.6% dos/as dirigentes desportivos/as, por 30.2% dos/as atletas amadores/as, por 30% dos/as atletas profissionais, por 29.4% das pessoas das equipas de arbitragem, por 28.6% de outros elementos da equipa técnica, por 26.5% dos/as encarregados/as de educação, por 23.5% dos/as treinadores/as, por 21.6% dos/as adeptos e por 23.1% dos/as jornalistas.

No que se refere aos grupos etários, todos consideraram que os homens são os principais alvos de racismo no futebol português. No grupo com menos de 18 anos, 23.4% entendem que o mesmo se dirige ao sexo feminino e 88.7% ao sexo masculino. Cerca de 29.6% do grupo entre os 19 e os 24 anos consideram que o racismo se dirige ao sexo feminino e 81.9% ao sexo masculino. Do grupo entre os 25 e os 39 anos, 27.7% entendem que este se dirige ao sexo feminino e 88.6% ao sexo masculino. Das pessoas participantes com 40 anos ou mais, 24.8% consideram que se dirige ao sexo feminino e 91% ao sexo masculino.

Atitudes e comportamentos racistas no futebol português

Cerca de 50% e 70% das pessoas participantes, respetivamente homens e mulheres, consideraram que quem mais exhibe atitudes e comportamentos racistas no futebol são as pessoas adeptas, seguindo-se as claques (37.4% no caso dos homens e 52.4% no das mulheres) (Cf. Gráfico 4).

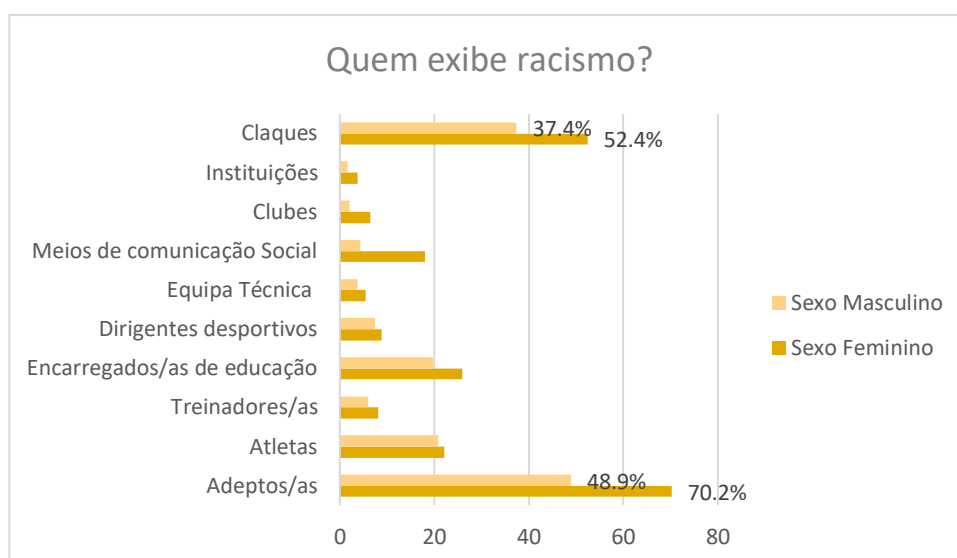


Gráfico 4 - Percentagem de pessoas que exhibe mais atitudes/comportamentos racistas, em função do sexo.

Os/As adeptos/as consideraram ser eles/as a exhibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (63.5%), seguidos/as das claques (48.9%), encarregados/as de educação (17.7%), atletas (17.2%) e meios de comunicação social (16%).

Os/As agentes desportivos/as consideraram ser os/as adeptos/as a exhibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (44%), seguidos/as das claques (36%), encarregados/as de educação (30%), atletas (14%) e dirigentes desportivos/as (8%).

Os/As atletas amadores/as consideraram ser os/as adeptos/as a exhibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (70.5%), seguidos/as das claques (48.6%), atletas (37.4%), encarregados/as de educação (21.2%) e treinadores/as (9.7%).

Os/As atletas profissionais consideraram ser os/as adeptos/as a exhibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (54.5%), seguidos/as das claques (45.5%), atletas (39.4%), encarregados/as de educação (12.1%) e meios de comunicação social (12.1%).

Os/As dirigentes desportivos/as consideraram ser os/as adeptos/as a exhibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (38.9%), seguidos/as das claques

(25.7%), encarregados/as de educação (20.1%), atletas (15.3%) e dirigentes desportivos/as (5.6%).

Os/As encarregados/as de educação consideraram ser os/as adeptos/as a exibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (35.9%), seguidos/as das claques (27.2%), encarregados/as de educação (19.6%), atletas (16.3%) e dirigentes desportivos/as (6.5%).

Os membros das equipas de arbitragem consideraram ser os/as adeptos/as a exibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (52%), seguidos/as das claques (41.3%), atletas (17.3%), encarregados/as de educação (21.1%) e dirigentes desportivos/as (12.1%).

Os/As jornalistas consideraram ser os/as adeptos/as a exibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (68.4%), seguidos/as das claques (50.9%), encarregados/as de educação (19.6%), atletas (26.3%), e dirigentes desportivos/as (12.3%).

Os outros elementos da equipa técnica consideraram ser os/as adeptos/as a exibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (63.6%), seguidos/as das claques (48.5%), encarregados/as de educação (33.3%), atletas (16.3%), e dirigentes desportivos/as (12.1%).

Os elementos do *staff* consideraram ser os/as adeptos/as a exibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (55.8%), seguidos/as das claques (44.2%), encarregados/as de educação (23.3%), atletas (26.3%), dirigentes desportivos/as (11.6%) e meios de comunicação social (11.6%).

Os/As treinadores/as consideraram ser os/as adeptos/as a exibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol (42.6%), seguidos/as das claques (34.2%), encarregados/as de educação (23.5%), atletas (17.6%) e dirigentes desportivos/as (11.9%).

No que se refere aos grupos etários, 69.9% do grupo de pessoas com menos de 18 anos consideraram que quem mais exibe atitudes e comportamentos racistas no futebol são as pessoas adeptas, as claques (50.9%), as pessoas atletas (32.4%), os/as encarregados/as de educação (19.1%), os meios de comunicação social (15%) e os/as treinadores/as (10.4%).

No caso do grupo com idades entre os 19 e os 24 anos, 73% consideraram ser os/as adeptos/as, 53.6% as claques, 28.5% as pessoas atletas, 23.8% os/as encarregados de educação, 11.1% os meios de comunicação social e 8.1% os/as treinadores/as.

55.1% das pessoas entre os 25 e 39 anos consideraram que quem mais exhibe essas atitudes e comportamentos são os adeptos/as, 42.1% as claques, 22.6% os/as encarregados/as de educação, 21.3% as pessoas atletas, 8.2% os meios de comunicação social e 8% os/as treinadores/as.

Cerca de 36.1% das pessoas com 40 anos ou mais consideraram ser os/as adeptos/as, seguindo-se as claques (29%), os/as encarregados/as de educação (18.9%), as pessoas atletas (12.1%), os meios de comunicação social (3.4%) e os/as treinadores/as (2.8%).

Que tipo de tratamento é dado aos casos de racismo no futebol português?



Tipo de tratamento		
Adequado	13.2%	17.2%
Desadequado	86.8%	82.8%

Tabela 8 – Percentagem de pessoas que considera adequado/desadequado o tratamento que é dado aos casos de racismo no futebol português, em função do sexo.

Apenas 17.2% e 13.2% das pessoas inquiridas, respetivamente homens e mulheres, consideraram existir um tratamento adequado dos casos de racismo no futebol em Portugal (Cf. Tabela 8).

Todos os grupos concordaram que o tratamento dado aos casos de racismo no futebol português é desadequado. Os/As adeptos/as concordaram em 86.1% dos casos, os/as agentes desportivos/as em 95.8%, os/as atletas amadores/as em 75.7%, os/as atletas profissionais em 80%, os/as dirigentes desportivos/as em 87.7%, os/as encarregados/as de educação em 79.4%, as equipas de arbitragem em 89.2%, os/as jornalistas, em 89.7%, os outros elementos da equipa técnica em 85.7%, o *staff* em 66.7% e os/as treinadores/as em 88.6%.

No que diz respeito aos grupos etários, todos consideraram que o tratamento dado aos casos de racismo no futebol em Portugal é desadequado. Cerca de 70% das pessoas do grupo de pessoas com menos de 18 anos, 84.9% do grupo entre os 19 e os 24 anos,

88.3% do grupo entre os 25 e os 39 anos e 84.8% do grupo com 40 anos ou mais responderam nesse sentido.

A que se deve a desadequação do tratamento dos casos de racismo no futebol em Portugal?

Para as pessoas inquiridas as três situações que levam a um tratamento mais desajustado das situações de racismo no futebol em Portugal são a desvalorização da gravidade dos casos, expressa por 58.8% das pessoas do sexo feminino e por 36% do sexo masculino, a ausência de denúncia às autoridades competentes, patente em 33.3% das respostas das inquiridas e em 20.1% dos inquiridos, e a perpetuação de uma cultura racista existente na sociedade portuguesa, expressa por 31.6% das inquiridas e por 15.1% dos inquiridos (Cf. Gráfico 5).

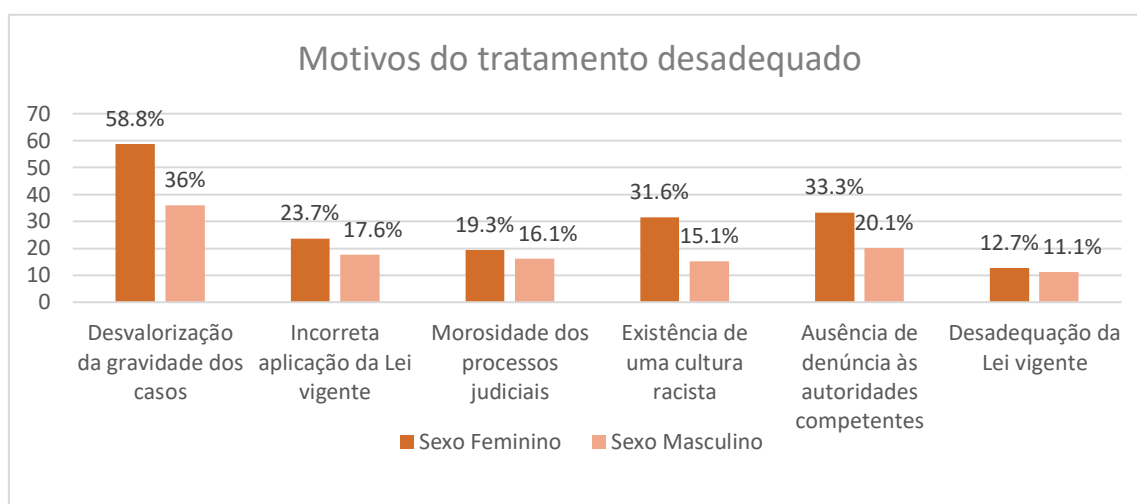


Gráfico 5 - Respostas das pessoas inquiridas face ao tipo de tratamento desadequado dos casos de racismo no futebol, em função do sexo.

Para os/as adeptos/as o tratamento desadequado dos casos de racismo no futebol deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (51.8%), à existência de uma cultura racista (32.5%), à ausência de denúncias às autoridades competentes (27.4%) e à incorreta aplicação da Lei (25.3%).

Para os/as agentes desportivos/as deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (38%), à morosidade dos processos judiciais (30%), à ausência de denúncias às autoridades competentes (22%) e à desadequação da Lei vigente (18%).

Para os/as atletas amadores/as deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (48.6%), à ausência de denúncias às autoridades competentes (21.6%), à incorreta aplicação da Lei (19.8%) e à existência de uma cultura racista (14.4%).

Para os/as atletas profissionais deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (48.5%), à ausência de denúncias às autoridades competentes (15.2%), à incorreta aplicação da Lei (18.2%), à morosidade dos processos judiciais e à desadequação da Lei vigente (12.1%).

Para os/as dirigentes desportivos/as deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (31.9%), à ausência de denúncias às autoridades competentes (19.4%), à incorreta aplicação da Lei (11.1%), à existência de uma cultura racista e à desadequação da Lei vigente (10.4%).

Para os/as encarregados/as de educação deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (22.8%), à ausência de denúncias às autoridades competentes e à morosidade dos processos judiciais (14.1%) e à existência de uma cultura racista (12%).

Para os elementos da equipa de arbitragem deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (40.3%), à ausência de denúncias às autoridades competentes (27%), à morosidade dos processos judiciais e à existência de uma cultura racista (18.9%).

Para os/as jornalistas deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (59.6%), à existência de uma cultura racista (33.3%), à ausência de denúncias às autoridades competentes (31.6%) e à morosidade dos processos judiciais (29.8%).

Para os outros elementos da equipa técnica deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (51.5%), à ausência de denúncias às autoridades competentes e à incorreta aplicação da Lei vigente (30.3%) e à morosidade dos processos judiciais (21.2%).

Para os elementos do *staff* deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (30.2%), à ausência de denúncias às autoridades competentes (18.6%), à morosidade dos processos judiciais (21.2%) e à existência de uma cultura racista (16.3%).

Para os/as treinadores/as deve-se à desvalorização da gravidade dos casos (33%), à ausência de denúncias às autoridades competentes, à incorreta aplicação da Lei vigente (22.9%) e à morosidade dos processos judiciais (16.4%).

No que se refere aos grupos etários, as principais razões apontadas para o grupo com menos de 18 anos foram, em 45.1% dos casos, a desvalorização da gravidade dos casos,

a incorreta aplicação da Lei vigente, em 20.2%, a ausência de denúncia às autoridades competentes, em 17.9%, e a existência de uma cultura racista, em 16.2%.

As principais razões apontadas pelo grupo entre os 19 e os 24 anos foram a desvalorização da gravidade dos casos, em 57.7% das respostas, a ausência de denúncia às autoridades competentes, em 29%, a existência de uma cultura racista, em 26.3%, e a incorreta aplicação da Lei vigente, em 23.1%.

No grupo das pessoas com idades entre os 25 e os 39 anos, 43% mencionaram a desvalorização da gravidade dos casos, 27.1% a ausência de denúncia às autoridades competentes, 23.4% a incorreta aplicação da Lei vigente e 21.2% a morosidade dos processos judiciais.

Cerca de 29% das pessoas com 40 anos ou mais apontaram a desvalorização da gravidade dos casos, 18.3% a ausência de denúncia às autoridades competentes, 15.3% a existência de uma cultura racista e 13.2% a morosidade dos processos judiciais.

Que medidas favorecem a prevenção e combate ao racismo no futebol?

As pessoas inquiridas mencionaram que são várias as medidas que consideram importantes para prevenir e combater o racismo no futebol. Destacam-se, como as mais expressivas, a punição das pessoas adeptas e o investimento na educação contínua, medidas selecionadas por 70.8% e 69.3% das mulheres e 45.4% e 45.7% dos homens, respetivamente (Cf. Tabela 9).



Medidas		
Punição de adeptos/as	70.8%	45.4%
Investimento na educação contínua	69.3%	45.7%

Tabela 9 - Medidas consideradas mais eficazes na prevenção e combate ao racismo no futebol, em função do sexo.

Como medidas mais eficazes para prevenir e combater o racismo no futebol, os/as adeptos/as apontaram a sua própria punição (80.2%), o investimento na educação contínua (78.4%), a promoção de mais campanhas antirracistas (71.6%), a punição dos/as atletas (70.7%) e a punições dos clubes (69.2%).

Os/As agentes desportivos/as apontaram a punição dos/as adeptos/as (70.6%), o investimento na educação contínua (67.6%), a punições dos clubes e mais visibilidade dos casos nos meios de comunicação social (61.8%).

Os/As atletas amadores/as apontaram a punição dos/as adeptos/as (83.7%), a punição dos/as atletas (77.3%), o investimento na educação contínua (77.3%), mais visibilidade dos casos nos meios de comunicação social (73.4%) e a promoção de mais campanhas antirracistas (72.1%).

Os/As atletas profissionais apontaram a punição dos/as atletas (83.3%), a punição dos/as adeptos/as (79.2%), o investimento na educação contínua, mais visibilidade dos casos nos meios de comunicação social e a promoção de mais campanhas antirracistas (75%).

Os/As dirigentes desportivos/as apontaram a punição dos/as adeptos/as (56.1%), o investimento na educação contínua (54.1%), a punição dos/as atletas (53.1%), a promoção de mais campanhas antirracistas (50%) e a alteração da Lei vigente (45.9%).

Os/As encarregados/as de educação apontaram o investimento na educação contínua (57.1%), a punição dos/as adeptos/as (55.4%), a promoção de mais campanhas antirracistas (50%), a punição dos/as atletas (46.4%), a alteração da Lei vigente (45.9%) e a punição dos clubes (44.6%).

Os elementos das equipas de arbitragem apontaram a punição dos/as adeptos/as (72.7%), a punição dos/as atletas (67.6%), a punição dos clubes (63.3%), o investimento na educação contínua (62.6%) e a alteração da Lei vigente (54.7%).

Os/As jornalistas apontaram a punição dos/as adeptos/as (81.3%), o investimento na educação contínua (77.1%), a promoção de mais campanhas antirracistas (72.9%), a punições dos clubes e mais visibilidade dos casos nos meios de comunicação social (70.8%).

Os outros elementos da equipa técnica apontaram o investimento na educação contínua (80.8%), a punição dos/as adeptos/as (76.9%), a promoção de mais campanhas antirracistas e a punição dos/as atletas (73.1%).

Os elementos do *staff* apontaram a educação contínua (80%), a punição dos/as adeptos/as (73.3%), a punição dos/as atletas (70%), mais visibilidade dos casos nos meios de comunicação social (66.7%) e a promoção de mais campanhas antirracistas (63.3%).

Os/As treinadores/as apontaram a punição dos/as adeptos/as (68.8%), o investimento na educação contínua (66.5%), a punição dos/as atletas (64.7%), a punição dos clubes (53.5%) e a promoção de mais campanhas antirracistas (52.6%).

No que se refere aos grupos etários, todas as pessoas consideraram que a principal medida para prevenir e combater o racismo no futebol é a punição das pessoas adeptas. Para o grupo com menos de 18 anos, as medidas consideradas por 95% das pessoas é a punição dos/as adeptos/as, a maior visibilidade dos casos nos meios de comunicação social e a punição dos/as atletas (76.8%), a promoção de mais campanhas antirracistas e o investimento na educação contínua (76.1%).

Cerca de 85.1% das pessoas com idades entre os 19 e os 24 anos consideraram a punição dos adeptos/as, o investimento na educação contínua (81.9%), a punição dos/as atletas (77%), a maior visibilidade dos casos nos meios de comunicação social e a promoção de mais campanhas antirracistas (73.5%).

No grupo das pessoas com idades entre os 25 e os 39 anos, 75.8% consideraram a punição dos/as adeptos/as, 71.8% o investimento na educação contínua, 71% a punição dos/as atletas, 64.2% a punição dos clubes e 59.4% a promoção de mais campanhas antirracistas.

As medidas consideradas pelo grupo de pessoas com 40 anos ou mais foram, em 59% dos casos, a punição dos/as adeptos/as, o investimento na educação contínua, em 57.6%, a promoção de mais campanhas antirracistas e a punição dos/as atletas, em 51.6%, e a punição dos clubes, em 49.9%.

2.6. Resultados principais – Dados qualitativos

Apresentam-se, de seguida, alguns excertos² das respostas às perguntas abertas, categorizados por tipos de discursos.

- **Prática de alguma forma de racismo no futebol**

Discursos sexistas

“Disse à árbitra para ir cozer meias. O ano não recorde, mas foi antes de 2011”.

“Futebol não é para mulheres”.

“(…) Por outro lado, ainda se assiste a manifestações de discriminação de género, quando se trata de agentes femininas do tipo “vai para casa lavar a roupa”.

² Os excertos são apresentados tal qual foram redigidos pelos/as participantes. Foram omitidas informações que pudessem comprometer o anonimato das pessoas inquiridas.

“O facto de um clube ser liderado por mulheres implica que soframos, não diretamente, mas indiretamente de comentários que põem em causa a nossa capacidade”.

“Uma claque por ser de maioria brasileira e outra ser de peixeiro existiu pancadaria na bancada e a outra situação também foi mais ou menos o mesmo, mas aí foi discriminação por ser uma mulher”.

Discursos racistas

“Chamar preto a um jogador”.

“Por vezes no calor da emoção, dizemos uma ou outra palavra menos correta, não que seja na minha opinião um racismo racional, porventura já me saiu eventualmente uma frase do género "este preto não joga nada". Embora, não me considere de todo uma pessoa racista, são afirmações a quente que na minha opinião, deverão ser vistas como formas de racismo”.

“Enquanto agente da arbitragem e mesmo espetador já assisti a manifestações racistas do tipo vai “para a tua terra”, “macaco”.

“Fazer referências a jogadores de equipas adversárias como o 'pretinho' ou o 'black', no intuito de "identificar" ao invés de tentar descrever pelo número da camisola, a cor dos sapatos etc”.

“Em todos os jogos principalmente vindos da bancada existem insultos e atitudes racistas, que infelizmente nunca são intervencionadas pelas autoridades policiais”.

“Chamar "preto". Embora reconheça que é sem maldade é um comentário racista e que nem toda a gente gosta de ouvir certamente”.

“Várias ocasiões/anos comentários sobre a cor da pele ou etnia dos jogadores, ou atribuir essas condições a outros intervenientes de condição diferente ou etnia”.

“Ao longo da minha formação como atleta que foi concluída em 2014. Posso garantir que era frequente. Como sénior constatei esporadicamente, nada de agravante como querem muitas vezes fazer (claro que há casos evidentes como foi o do Marega em pleno D. Afonso Henriques, mas depois temos os casos do Cavani e Bernardo Silva fora das 4 linhas que é somente para mediatismo, o que acaba por descredibilizar os casos sérios). Em 2019 comecei a dar treino e não tenho verificado grandes cenários

de racismo nas gerações mais novas (estando envolvido ao longo deste percurso em iniciados, juvenis, juniores e atualmente em séniores). Acho que a nova geração do futebol está ciente que o racismo não pode coabitar no futebol. No entanto, as "velhas raposas" andam por aí com o nível 1 e o nível 2 e parece ser suficiente, mas não é porque há valores que se perdem e que só um diploma não chega. Alguns métodos pedagógicos e formações mais presenciais nos clubes por parte da FPF ou respetivas associações seriam vitais para o funcionamento mais enriquecedor dos clubes a todos os níveis. Por exemplo, muitos clubes não têm miúdos mais "pobres" porque não pagam mensalidade. Já pensaram que mais do que racismo, as modalidades desportivas deviam de ser um alicerce do governo para combater estas falhas graves e manipulações financeiras que existem nos clubes? Fica a dica que o racismo muitas das vezes o racismo é utilizado como um escudo da "podridão" que está o futebol nacional".

"Comentários pela origem/nacionalidade".

Discurso homofóbico

"Insultos homofóbicos a árbitros quando decidiam contra a minha equipa e nas bancadas se levantava um coro de injúrias e agressões verbais violentas. Anos de 1990, antes de começar a exercer profissionalmente. Jogos do (...)"

- **Vivências/Testemunho de atitudes e comportamentos racistas no futebol português**

Discursos de sexistas

"Enquanto árbitra, é comum/frequente ouvir que devia estar em casa a cozinhar".

"Ano de 2006. Quando era pequena e tinha um sonho que fugia da regra feminina, jogar futebol, fui procurar um sítio para seguir esse sonho, primeiramente não haviam equipas femininas porque ainda era taboo mulheres no futebol fui para uma equipa masculina por estranheza de todos os rapazes que ainda com idades entre os dez anos já tinham a ideia que futebol era para homens e olhavam para mim com estranheza e diziam que eu era rapariga como se tal tratasse de um insulto , era a única também

que não tinha condições para tomar banho lá e era a única que tinha que ir equipada e vir tomar banho a casa”.

“...Outro caso que gostaria de realçar é que, uma amiga minha está a tirar o curso de arbitragem e ela já foi vítima de discriminação pois ser uma rapariga a tirar um curso de "rapazes", num desporto de "rapazes”.

“Este ano, ao tirar o curso de arbitragem fui alvo de várias críticas por ser do sexo feminino”.

“Uma amiga minha que neste momento está a fazer um curso de arbitragem (2020) é alvo de racismo por causa do género. Sendo acusada de por ser rapariga não vai conseguir ser árbitra”.

“Enquanto treinador, assisti a diversos casos de desvalorização das capacidades de um/a atleta por questões de género, raça ou nacionalidade. No caso do género e em casos em que as equipas são mistas, são frequentes comentários depreciativos vindos da bancada, de pais, por exemplo, "ganha a bola, é só uma miúda”.

“Estes últimos 5/6 anos desde que comecei a ir ver jogos a (...) fui discriminada por ser mulher e por ser de Viseu... Tentaram me fazer mal física e psicologicamente quando ia ver jogos fora principalmente”.

“Sobretudo relativamente ao género. Coisas do género “o futebol não é para mulheres.” “Vai para a cozinha”.

“Vê-se logo que é gaja”.

“Enquanto jogadora fui muitas vezes insultada, desde nomes menos apropriados como futebol não é para mulheres quer por homens quer por mulheres. Enquanto adepta falar de futebol cabe só ao homem”.

“Futebol não é para mulheres”.

“Várias vezes "gozar" com uma jogadora de idade superior, com jogadoras de outras nacionalidades dizendo, por exemplo, "volta para a tua terra". O ano passado antes do início do jogo, durante o aquecimento, os árbitros assistentes, do sexo masculino, a dizer à árbitra principal, do sexo feminino, que só estavam a arbitrar para a apreciar as jogadoras”.

“Das bancadas ouve-se muitas vezes insinuações racistas... "ó preto, vai para a tua terra", e outras do género. Também se ouve: "o futebol não é para senhoras. O vosso lugar é na cozinha", etc. etc.

“A minha equipa de futebol feminino participa no campeonato de infantis (...), e já foi alvo de insultos por parte da equipa adversária e adeptos adversários, porque estávamos a ganhar. Isto tem ocorrido em diversas situações com o intuito de desmotivar as minhas jogadoras”.

“Em contexto de jogo, já fui inúmeras vezes insultada por ser negra e mulher. Na maioria das vezes por adultos”.

“Devido a ser mulher árbitra, era insultada com várias palavras. ano de 2020”.

“Desde 2019 estando no exercício de funções de presidente de um clube de futebol e sendo mulher deparo-me com situações em que os próprios sócios do clube fazem campanha junto de patrocinadores e parceiros no sentido de desvalorizar o trabalho, sacrifício e capacidade. A mentalidade de que o futebol é só para homens ainda está demasiado presente”.

Discursos racistas³

“Menino de 9 anos chamado de macaco por ser mais escuro de tom de pele”.

“Insultarem jogadores negros, fazendo sons ou cânticos como/sobre macacos”.

“Um ex-colega de equipa meu do Gana foi chamado de terrorista durante um jogo. Apesar de não ter percebido as palavras, ele sentiu que tinha sido um ato racista e ficou bastante mal com a situação. Isto aconteceu em 2019”.

“Aqueles "conversas de café" que dizem "aquele preto não corre, aquele preto não joga nada, manda aquele preto descalçar as chuteiras e que vá para as obras. Também exemplos de "olha, mais um preto na equipa." Também testemunho atitudes e comportamentos indiretamente, enquanto assisto o jogo e vê-se e ouve-se comentários dos adeptos no estádio (Adeptos do Guimarães ao Marega, adeptos contra o Balotelli, etc)”.

³ Em 408 respostas, o caso Marega foi mencionado 54 vezes.

“Todos os anos desde que vou ao estádio há insultos racistas vindos das bancadas para jogadores das equipas adversárias. Nomeadamente sobre a cor da pele ou sobre o cabelo (afros). Também se presencia bastantes comentários machistas”.

“Na época passada. Tínhamos um jogador negro na equipa. Várias vezes foi alvo de comentários racistas. Quer de jogadores, quer do público”.

“Acontece múltiplas vezes, pois vou frequentemente aos estádios. Aconteceu uma vez no decorrer de um jogo, quando um jogador de raça negra falhou o passe e várias pessoas insultaram-no devido à sua cor de pele”.

“No ano passado fui ver um jogo de futebol e existiram vários insultos como “vai para a tua terra”, “preto do c*****...”.

“No caso da raça/nacionalidade são comentários diferentes, assumem que uma cor de pele diferente da sua é de outro grupo, mesmo em jogos de crianças, por exemplo, “tinham de ir buscar um preto para marcar golos”. Como adepto, ao nível distrital, em todos os jogos se ouvem insultos, muitas vezes motivados por comportamentos racistas. Expressões como “vai para a tua terra” ou “estás a tirar o lugar a outro” são infelizmente também comuns”.

“Enquanto jogador fui discriminado em função da cor da pele por adversários, enquanto treinador menorizado por parte dos adeptos”.

“Foi no ano 2017, na altura ainda jogava futebol. Na Bancada começaram a chamar preto a um colega de equipa, este acabou expulso pois decidiu responder aos críticos”.

“Todos os anos. Frases que contém a palavra depreciativa “preto” quando em situações similares não se dirigem ao outro como “branco”.

“Um conjunto de adeptos em perseguição para agredirem um grupo de adeptos maioritariamente negros da equipa adversária, de outra cidade - foi em 2005 (aproximadamente)”.

“Volta para a tua terra”.

“Quando um atleta me pediu para sair de campo por ser de cor negra e em que fui vítima de insultos por diversas vezes durante o jogo vindo de jogadores e elementos da equipa técnica adversária”.

“Não me recordo exatamente do ano, mas em vários jogos enquanto jogador profissional, ouvi várias vezes a expressão “preto do c...”, “preto de m...”, “vai para a tua terra”.

“2020. A assistir a um jogo de futebol, um adepto do FC Porto referiu-se ao Manafá como " este preto não sabe jogar, devia era ir catar macacos para a terra dele".

“Insultos a atletas e treinadores negros, brasileiros, de forma recorrente em várias situações. Insultos tais como "macaco", volta para a tua terra, preto burro, a tua mãe e a tua mulher são p****...”.

“Fui por duas vezes ver um jogo do FCP ao estádio com a minha irmã e um amigo nosso (uma vez em 2017 e outra em 2018)...Ouvimos comentários como: "preto de merda"; "oh preto, volta para a tua terra"; "anda o clube a pagar por este preto de merda"; "só podia ser preto". Não gostei e tentei sempre olhar na cara dessas pessoas para fazer vê-las que eu estava lá e que tal como eles sou de raça negra e não estou a gostar de ouvir”.

“Tive um treinador que insultava os atletas de raça negra dizendo que eram burros "preto burro".

“Todas épocas infelizmente vi e ouvi os meus atletas de cor (principalmente) a serem alvos de racismo sem a mínima intervenção das autoridades”.

“Não é possível localizar num só momento. O racismo está na raiz do futebol português”.

“Enquanto treinador estrangeiro sofri várias situações entre 2012 e 2019”.

“O racismo parte normalmente das bancadas. Vi, como jornalista e antes como praticante, o insulto mais comum em dezenas de jogos. "Preto", "Vai para a tua terra".

“Sons de primatas das bancadas, insultos com base na cor da pele, durante 20 anos”.

“Ano de 2020 um atleta sénior agrediu verbalmente um atleta Júnior devido á sua cor de pele”.

“Um atleta da equipa adversária, há cerca de um ano, a ser vítima de racismo por parte de um atleta da mesma equipa em que eu jogava, proferindo palavras e insultos racistas ao atleta de etnia negra”.

“Enquanto adepto, essencialmente, quando nos misturamos em massas, ouvimos comentários, "menos saudáveis", tais como, "este gajo é burro, só podia ser preto".

“2015, quando ouvi um atleta da equipa adversária, de cor branca, a perguntar a um atleta da minha equipa, de cor negra, se queria bananas”.

“Das bancadas ouve-se muitas vezes insinuações racistas... "ó preto, vai para a tua terra", e outras do género. Também se ouve: "o futebol não é para senhoras. O vosso lugar é na cozinha", etc. etc.

“Num jogo no campo do adversário, eu ia batendo um pontapé de baliza e estávamos a ganhar, os adeptos da equipa adversária que se encontravam atrás da baliza começaram a gritar "Macaco do caralho, volta para a tua terra, este campeonato não é para amarelos..." já deve ter uns 4 anos”.

“São tantos que não caberiam aqui todos. Apenas um exemplo relativamente recente, que foi possível observar, in loco, e que envolveu Eliseu dos Santos, jogador do Sport Lisboa e Benfica, e largas centenas de adeptos do Vitória de Guimarães, durante um jogo que opôs a equipa local ao Benfica, disputado naquela cidade minhota em novembro de 2017. Após uma disputa de bola com um jogador vitoriano, os adeptos locais insurgiram-se contra Eliseu, lançando-lhe um conjunto de impropérios. Seguidamente, o jogador benfiquista reagiu e protestou na direção dos apoiantes ‘da casa’. Esta reação foi ‘retribuída’ com uma série de insultos racistas e arremesso de objetos na sua direção, acompanhados por gestos que reproduziam as poses corporais dos babuínos. Testemunhei dezenas, senão centenas de casos destes, ao longo das duas últimas décadas e que envolveram adeptos de equipas da primeira liga, II Liga, antiga terceira divisão e campeonatos regionais”.

“Recentemente, penso que no ano 2020, em pleno jogo de Futebol Clube do Porto assisti a cânticos e proferição de conceitos racistas. Também há sensivelmente 5 anos o FC Barcelona jogava em Espanha e atiraram uma banana para um dos jogadores (de uma casta social distinta da maioria dos adeptos a assistir ao jogo), diferenciando da outra situação, aqui verifiquei um comportamento mais não verbal de cariz preconceituoso”.

“Época 2019/2020, num jogo o jogador da equipa A chamou preto nojento a um jogador da equipa B”.

“Chamaram-me preto, mandaram-me para a minha terra, insultaram-me por imensas vezes”.

“Em 21 anos de arbitragem, forma várias situações de insultos por jogadores caucasianos a jogadores africanos, ou mesmo por parte do público. Não consigo dar datas. Normalmente situações em que o jogador africano marcava um golo, e era insultado, ou cometia uma infração mais grave, para cartão amarelo e vermelho, e era insultado por esse motivo”.

“Como árbitro de futebol, somos recorrentemente insultados e alvos de racismo, pela classe que representamos, pela zona geográfica de onde somos naturais. Se um árbitro for de raça negra, é insistentemente tratado por “preto”, nós somos ínfimas vezes tratados com expressões depreciativas e isso não muda, nem vai mudar num futuro próximo. Mesmo sem público nos estádios, os dirigentes desempenham o papel de adepto mal-educado e sem escrúpulos”.

“Aquando era árbitro no (...), tive diversas vezes em alguns jogos casos de racismo para com jogadores de cor ao ouvir e presenciar nomes impróprios e ameaças a estes jogadores. também tive um caso em que um jogador pediu para abandonar o jogo por estar a ser vítima de insultos. num outro jogo tive um caso uma delegada de um clube num jogo de infantis a pedir autorização para abandonar a superfície de jogo porque já não podia ouvir mais uma mãe de um miúdo que se encontrava na bancada a insultar as crianças”.

“(…) Em virtude disso, foi o único jogo na minha carreira de treinador de formação, no qual viríamos a precisar de escolta policial... e mesmo assim fomos vítimas de agressões várias”.

“Ao longo da minha vida desportiva, passando pelos anos como jogadora, árbitra e presentemente como assessora do conselho de arbitragem”.

“Desde a formação até à situação de sénior que me encontro hoje em dia ouço comentários racistas a jogadores de cor diferente, mas o pior caso que vi foi em 2018 salvo erro em arruda dos vinhos um árbitro ter tido um comentário racista enquanto dava um vermelho a um jogador negro e este reagiu de forma violenta ficando um ano penalizado pelo comentário do arbitro, este jogador era Junior”.

“Este ano, jogo do FCPorto contra o Vitória de Guimarães, os adeptos do Vitória chamaram nomes ao Marega como “macaco” e imitaram os sons de macaco, estava assustador o ambiente no estádio”.

“Cânticos racistas por parte das claques de futebol, frisando jogadores adversários durante jogos de futebol. É recorrente a manifestação do racismo em função da cor de pele e nacionalidade e as claques são sem dúvida o maior veículo de racismo no futebol pela manifestação de ódio e discriminação perante os adversários e principalmente por incitarem o resto dos adeptos no estádio a seguirem o mesmo caminho. Os clubes também são cúmplices ao prestarem apoio financeiro e logístico às claques, ou mostrarem-se indiferentes ao que acontece. Estas situações aconteciam há 20 anos como continuam a acontecer hoje em dia, infelizmente”.

“Várias vezes em contexto juvenil, nos anos de 2016 e 2017. Num clube onde o meu enteado jogava, os pais dos próprios meninos atacavam outros da equipa adversária e começava pelo tom de pele. Na recordo dia ou quem, mas nesses dois anos, se havia alguma criança cujo tom de pele não fosse bem aceite por outros, era quase certo que a crítica ia sobressair isso mesmo. Era ridículo, além do péssimo exemplo”.

Discursos homofóbicos

“Ofenderem colegas por serem negros, ciganos, homossexuais. Também vi colegas meus não serem aceites por serem negros, ciganos e homossexuais”.

“Como atleta assisti muitas vezes a ofensas racistas do foro de tom de pele ou orientação sexual”.

“Ocorreu na época 2019/ 2020. Durante vários jogos de futebol de formação. Havendo em uma das equipas jogadoras de cor negra e jogadoras feminino e os técnicos e os jogadores adversários lhes chamavam vários nomes, como por exemplo: preto, chocolate negro entre outros e aos do sexo feminino, como por exemplo: maria rapaz, fufa, lésbica”.

“Insultos racistas a jogadores negros (“vai para a tua terra”, imitar de grunhidos símios, etc.), injúrias homofóbicas a árbitros, jogadores e adeptos dos adversários”.

“Insultos a jogadores referindo-se à sua cor da pele ou às suas preferências sexuais”.

Discursos com base na nacionalidade

“Nos anos 90, 91, até há alguns anos atrás por ser brasileiro e por ser de cor mandaram-me voltar para meu país e já vivo aqui há mais de 33 anos”.

“Apupos a atletas "negros" ou brasileiros”.

“Apesar de ser português, nasci no Brasil e mais de uma vez ouvi adversários a dizerem: volta para a tua terra, brasileiro *****. Todos os anos em que pratiquei futebol em Portugal, de 2010 até a atual temporada ouvi agora do género”.

“Meu filho mais velho (10 anos) participa do futebol de formação e, no clube anterior, chegou a ser discriminado por ser brasileiro quando, por exemplo, era sempre posto de canto em convocações para jogos. Só com o tempo fui identificando tratar-se de discriminação para beneficiar outros miúdos. Em outra situação também já sofri chacota por ser brasileiro. A situação mudou quando, por exemplo, outros pais souberam que eu era engenheiro de telecomunicações. A partir dali, mesmo sendo brasileiro percebi que mudaram sua atitude para uma forma mais positiva e respeitosa”.

“Infelizmente não é a primeira vez para ninguém que acompanha o futebol frases como " preto do", " pareces uma borboleta a correr", " brasuca vai mas é para a tua terra" e tantas outras que todos os fins de semana ainda se ouvem em campos de norte a sul do País”.

“preto, chinês”.

Discursos com base na etnia

“Vários jogos em que, por exemplo, equipas tiveram medo de jogar contra outras por a maioria dos elementos da equipa serem ciganos”.

“Quando era jovem atleta, fui discriminado por ser de etnia cigana, quer no contexto de equipa quer no contexto exterior (adeptos)”.

“É frequente ouvir expressões como: "hoje o «cigano» não dá nada"; "Ó «preto» vai jogar bola de trapos”.

“Joguei futebol desde 2009 ate 2011 e os adeptos contrários sempre me chamaram de cigano”.

Discurso com base na classe e idade

“Racimos várias vezes ao longo dos meus anos como treinador pela situação socio Económica e mesmo pela idade!”.

2.7. Relações entre variáveis

Relação das variáveis com o sexo das pessoas inquiridas

Da análise dos dados é possível concluir a existência de uma associação entre o sexo das pessoas participantes e a identificação dos motivos da discriminação ($\chi^2(12) = 468.188, p < .001$). A percentagem de homens que não identificou qualquer fator de discriminação (26%) é significativamente maior do que a das mulheres (10.1%).

Na mesma linha, verifica-se existir uma associação entre o sexo das pessoas participantes e a opinião de que existe racismo no futebol em Portugal ($\chi^2(1) = 73.173, p < .001$). A percentagem de mulheres que respondeu positivamente (73.2%) é significativamente superior à percentagem de homens (50%). Simultaneamente, a proporção de homens que considera que não há racismo no futebol em Portugal (50%) é superior à proporção de mulheres que tem essa mesma opinião (26.8%).

No que se refere à prática do racismo no futebol em Portugal não é possível afirmar a existência de uma associação entre esta e o sexo das pessoas participantes ($\chi^2(2) = 3.770, p = .152$).

Já no que respeita ao ter-se vivenciado/testemunhado atitudes e comportamentos racistas no futebol em Portugal, constata-se a existência de uma associação com o sexo das pessoas participantes ($\chi^2(2) = 30.053, p < .001$). Assim, a percentagem de homens que afirmou ter vivenciado/testemunhado atitudes e comportamentos racistas no futebol em Portugal mais do que uma vez (58.4%) é significativamente superior à percentagem de mulheres (40.1%).

Verifica-se também a existência de uma associação entre o sexo das pessoas participantes e o tipo de violência que selecionaram estar associado ao racismo no futebol em Portugal ($\chi^2(6) = 205.269, p = .005$). A proporção de mulheres a selecionar todos os tipos de violência é superior à proporção dos homens. A violência social é aquela onde a diferença é menor, mas ainda assim significativa.

Existem diferenças entre mulheres e homens no que toca à identificação das entidades às quais os casos de racismo no futebol foram reportados ($\chi^2(9) = 23.212, p = .006$). Quer no que respeita às entidades internacionais (e.g., UEFA), quer aos meios de comunicação social, a proporção de respostas do sexo feminino é superior à proporção do sexo masculino.

Observa-se que há uma maior percentagem de mulheres (38%) do que de homens (21.1%) a responder que o racismo no futebol em Portugal se dirige mais ao sexo feminino. Por sua vez, existe uma maior proporção de homens (89.7%) do que de mulheres (82.0%) a responder que o racismo no futebol em Portugal se dirige mais ao sexo masculino. Assim, pode afirmar-se que há associação entre o sexo das pessoas participantes e o sexo de quem identificam ser as vítimas de racismo ($\chi^2(3) = 42.298, p < .001$).

Pode afirmar-se, igualmente, existir uma associação entre o sexo das pessoas participantes e a opinião sobre quem exhibe mais comportamentos de racismo ($\chi^2(11) = 289.729, p < .001$). As diferenças verificam-se nas categorias das pessoas adeptas, encarregadas de educação, meios de comunicação social, clubes, instituições e claques. Em todas estas diferenças, a proporção das respostas das mulheres é superior à dos homens. As opiniões não diferem significativamente entre homens e mulheres no que diz respeito a atletas, treinadores/as, dirigentes desportivos/as e equipa técnica.

Não se pode afirmar que haja associação entre o sexo das pessoas inquiridas e a forma como avaliam o tratamento que é dado aos casos de racismo no futebol em Portugal ($\chi^2(1) = 2.649, p = .104$). Assim, homens e mulheres não diferem significativamente nas opiniões, considerando ambos que o tratamento é maioritariamente desadequado. Contudo, verifica-se uma associação entre o sexo das pessoas inquiridas e a opinião sobre os motivos que explicam o tratamento desadequado ($\chi^2(7) = 227.320, p < .001$). Apenas no que diz respeito à morosidade dos processos judiciais e à desadequação da Lei vigente, não se verificam diferenças entre a proporção de respostas de mulheres e de homens. Nas restantes, mais uma vez, as mulheres apresentam percentagens de respostas positivas superiores às dos homens.

Existe também associação entre o sexo das pessoas inquiridas e a opinião sobre as medidas para prevenir e combater o racismo no futebol ($\chi^2(8) = 226.644, p < .001$). Para todas as medidas, a proporção das respostas das mulheres é superior à dos

homens. No entanto, se se contabilizarem apenas as pessoas que responderam a pelo menos um item da questão, observa-se que a proporção de homens que considera que a medida mais adequada deveria ser a punição dos/as atletas (90.8%) é significativamente superior à percentagem de mulheres com a mesma opinião (84.1%). Quanto à promoção de mais campanhas antirracistas e mais visibilidade dos casos nos meios de comunicação social, há uma maior percentagem de mulheres do que de homens a selecionar estas medidas.

Relação das variáveis com a condição das pessoas inquiridas

A associação da condição das pessoas inquiridas com os motivos de discriminação mostra-se significativa ($\chi^2(120) = 474.376, p < 0.001$). Para motivos como a cor da pele e a etnia, a percentagem de pessoas adeptas e atletas amadoras que os identificam é significativamente superior à opinião dos/as dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação e treinadores/as. No motivo género, são os/as adeptos/as e jornalistas que mais o identificam comparativamente a dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação, equipas de arbitragem e treinadores/as. Também no fator religião e orientação sexual/identidade de género a percentagem de adeptos/as que o identifica é significativamente superior à dos/as dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação, equipas de arbitragem e treinadores/as.

Verifica-se existir uma associação entre a condição da pessoa inquirida e a opinião de que existe racismo ($\chi^2(10) = 100.645, p < 0.001$). A percentagem de atletas amadores/as que responde positivamente é significativamente superior à percentagem de agentes desportivos/as, dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação, elementos de equipas de arbitragem e treinadores/as que também o faz. A percentagem de adeptos/as e jornalistas que considera existir racismo é significativamente superior à dos/as dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação e treinadores/as.

Já entre a prática de racismo e a condição das pessoas não se verifica existir uma associação significativa ($\chi^2(20) = 23.104, p = .284$), querendo isto dizer que independentemente da sua condição, as pessoas afirmam maioritariamente não praticar racismo.

De forma semelhante, também não se verificou existir associação entre ter vivenciado/testemunhado atitudes e comportamentos racistas e a condição do/a participante ($\chi^2(20) = 24.488, p = .222$).

Em relação aos/às agentes/entidades a quem foram reportadas as situações de racismo, verifica-se haver uma associação com a condição do/a participante ($\chi^2(90) = 393.181, p < .001$). Da análise de todos os pares de condições, ressalta que os/as atletas amadores/as e os/as jornalistas apresentam uma percentagem de respostas significativamente superior à dos/as encarregados/as de educação quando se refere a informar árbitros/as. Também apresentam uma percentagem significativamente superior a informar treinadores/as, em comparação com as respostas de dirigentes desportivos/as, equipa de arbitragem e treinadores/as. Os/As adeptos/as e jornalistas apresentam percentagens significativamente superiores face ao reporte a autoridades policiais, entidades nacionais, associações antirracistas ou meios de comunicação social, quando comparados/as com os/as dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação e treinadores/as. Os/As jornalistas apresentam uma percentagem mais alta quando se trata de informar as autoridades policiais, quando comparados/as com atletas amadores/as, dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação, equipa de arbitragem e treinadores/as.

Quando se trata de informar dirigentes desportivos/as, não se identificam diferenças significativas entre as diferentes condições dos/as participantes.

Os dados mostram também existir uma associação significativa entre a condição e o tipo de violência identificado ($\chi^2(60) = 297.318, p < .001$). Avaliando as comparações múltiplas, os/as atletas amadores/as e os/as jornalistas apresentam percentagens significativamente superiores na identificação de violência verbal como forma mais comum de racismo, quando comparados/as com os/as dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação e treinadores/as. Os/As adeptos/as apresentam uma percentagem significativamente superior na identificação de violência física, quando comparados/as com os/as treinadores/as.

No que à violência psicológica diz respeito, a percentagem de adeptos/as que selecionou este tipo de violência é significativamente superior à percentagem de dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação e treinadores/as que o fez. Não se

identificam diferenças significativas entre as diferentes condições no que diz respeito à violência social e violência sexual.

A identificação das pessoas a quem o racismo é mais dirigido está também associada à condição dos/as participantes ($\chi^2(30) = 50.740, p = .010$). Observa-se que há uma proporção significativamente superior de adeptos/as a responder que o racismo se dirige mais ao sexo masculino, em comparação com a proporção de outros elementos da equipa técnica que também identificam o sexo masculino. Não se verificam diferenças significativas entre as diferentes condições dos/as inquiridos/as no que diz respeito à opinião de que a violência se dirige mais ao sexo feminino.

Pode dizer-se que há também associação entre a condição e a opinião sobre quem exhibe mais comportamentos de racismo ($\chi^2(110) = 456.845, p < .001$). Quanto à possibilidade de serem os/as adeptos quem mais exhibe comportamentos racistas, verifica-se que quer as próprias pessoas adeptas, os/as atletas amadores/as e os/as jornalistas apresentam maior percentagem de respostas quando comparados/as com dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação e treinadores/as.

Verifica-se que são as pessoas atletas amadoras aquelas que apresentam uma percentagem significativamente superior de respostas associadas ao facto de serem os/as atletas a exhibir atitudes e comportamentos racistas quando comparados/as com adeptos/as, dirigentes desportivos/as, equipas de arbitragem e treinadores/as.

Os meios de comunicação social são identificados de forma significativamente superior por adeptos/as, em comparação com as respostas de dirigentes desportivos/as, equipas de arbitragem e treinadores/as. No que às claques diz respeito, são os/as adeptos e os/as atletas amadores/as quem apresenta percentagens significativamente superiores de respostas quando comparados/as com dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação e treinadores/as. As opiniões não diferem significativamente entre pessoas de diferentes condições quando se considera identificar treinadores/as, encarregados/as de educação, dirigentes desportivos/as, equipa técnica, clubes e instituições como pessoas/agentes que mais exibem racismo.

A forma como é avaliado o tratamento que é dado aos casos de racismo está associada à condição das pessoas participantes ($\chi^2(10) = 26.024, p = .004$). Apesar de não se verificar existir diferenças significativas relativamente à opinião da adequabilidade do tratamento entre as pessoas de diferentes condições, verifica-se que, no caso dos/as

atletas amadores/as e *staff*, a percentagem que respondeu ser adequado (32.9% e 5.4%, respetivamente) é significativamente superior à percentagem que respondeu não ser adequado (19.2% e 2%, respetivamente).

A seleção do motivo a que se deve o tratamento desadequado está também associada à condição do/a participante ($\chi^2(70) = 294.918, p < .001$). No caso de os motivos serem a ausência de denúncia às autoridades competentes e a desadequação da Lei vigente não se verificam diferenças significativas entre as diferentes condições das pessoas inquiridas. Já no caso da desvalorização da gravidade dos casos, a percentagem de adeptos/as, atletas amadores/as e jornalistas que a identificou é significativamente superior à percentagem de dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação e treinadores/as. Na incorreta aplicação da Lei vigente, a percentagem de adeptos/as, equipa de arbitragem e outros elementos da equipa técnica é significativamente superior à percentagem de pessoas dirigentes desportivos/as e encarregados/as de educação. Quanto à morosidade dos processos judiciais, são os/as adeptos/as, agentes desportivos/as e jornalistas que apresentam uma percentagem significativamente superior quando comparados/as com os/as dirigentes desportivos/as. O mesmo acontece quando se compara jornalistas com atletas amadores/as. A existência de uma cultura racista é a causa mais identificada pelos/as adeptos/as e jornalistas quando comparados/as com as pessoas atletas amadoras, dirigentes desportivos/as e treinadores/as. A opinião dos/as adeptos quanto a esta causa é também significativamente superior à contabilizada pelos/as encarregados/as de educação e equipas de arbitragem.

A identificação das medidas para prevenir e combater o racismo no futebol está igualmente associada à condição das pessoas que participaram neste estudo ($\chi^2(80) = 338.309, p < .001$). Em todas as medidas apresentadas, são os/as adeptos/as e atletas amadores/as quem selecionou as medidas de uma forma significativamente superior, quando comparados/as com a percentagem de dirigentes desportivos/as, encarregados/as de educação e treinadores/as que o fez. No entanto, se se tiver em conta apenas as pessoas que selecionaram pelo menos um item desta questão, observa-se que são os/as atletas amadores/as que apresentam uma percentagem significativamente superior à dos/as treinadores/as nos que diz respeito à seleção da medida “Mais visibilidade dos casos nos meios de comunicação social”. Nas restantes

medidas não existem evidências amostrais para dizer que haja uma diferença significativa entre as diferentes condições.

Relação das variáveis com a faixa etária das pessoas inquiridas

Os motivos de discriminação que os/as participantes selecionaram apresentam uma associação com a sua faixa etária ($\chi^2(36) = 508.856, p < 0.001$). O facto de o estatuto socioeconómico ser um fator de discriminação não difere significativamente entre as diferentes classes etárias. Contudo, para todos os outros fatores, com a exceção das habilitações literárias, a percentagem de pessoas com 40 ou mais anos que o identificam como motivo para a discriminação é significativamente menor do que nas restantes classes etárias.

A opinião de que existe racismo no futebol português está igualmente associada à faixa etária ($\chi^2(3) = 154.498, p < 0.001$). A percentagem de pessoas com idades mais baixas (<18 anos e 19 a 24 anos) que responde positivamente (71.7% e 74.7%) é significativamente superior à percentagem de pessoas com idades mais elevadas (25 a 39 anos e 40 ou mais anos) que também o faz (57% e 37.4%). Simultaneamente, a proporção de pessoas com idades mais elevadas que considera que não (43% e 62.6%) é superior à proporção de pessoas mais novas que tem essa mesma opinião (28.3% e 25.3%).

Não se pode dizer que haja uma associação entre a prática de racismo e as faixas etárias dos/as participantes ($\chi^2(6) = 7.439, p = .282$). Independentemente da faixa etária a que pertencem, quase todas as pessoas afirmam não ter praticado racismo neste contexto.

Por outro lado, quando se trata de se ter vivenciado/testemunhado atitudes e comportamentos racistas já se identifica uma associação com a faixa etária ($\chi^2(6) = 39.823, p < .001$). A percentagem de pessoas com idades mais elevadas (25 a 39 anos e 40 ou mais anos) que afirma ter testemunhado mais do que uma vez (58.3% e 62.9%) é significativamente superior à percentagem de pessoas com idades mais baixas (<18 anos e 19 a 24 anos) (32.3% e 46.1%).

Na identificação dos agentes ou entidades a quem foram informadas/denunciadas situações de racismo, pode dizer-se que há associação com as classes etárias ($\chi^2(27) = 108.556, p < .001$). As diferenças entre percentagens verificam-se nos itens

árbitros/as, treinadores/as e entidades internacionais (e.g., UEFA). Nos dois primeiros itens são as pessoas com idades entre os 19 e os 24 anos e entre os 25 e os 39 anos aquelas que se distinguem das mais velhas (40 ou mais anos), com uma maior percentagem de respostas a estes itens. No item entidades internacionais (e.g., UEFA) é a faixa etária mais baixa (5.5%) que se distingue significativamente da faixa etária mais alta (1.5%).

A opinião sobre a manifestação mais comum de racismo no futebol está igualmente associada à faixa etária ($\chi^2(18) = 390.683, p < .001$). A percentagem de pessoas mais velhas (40 ou mais anos) que selecionou a violência verbal e psicológica é significativamente inferior à percentagem de pessoas das restantes faixas etárias que o fez.

As pessoas entre os 19 e os 24 anos distinguem-se das pessoas mais velhas (40 ou mais anos) no que diz respeito à violência social, apresentando uma percentagem de respostas selecionadas significativamente superior. Não se verificam diferenças significativas entre as classes etárias no que diz respeito à violência sexual.

Relativamente à identificação do sexo das pessoas a quem o racismo tende a ser mais dirigido, não se pode dizer que haja uma associação significativa com a faixa etária do/a inquirido/a ($\chi^2(9) = 15.890, p < .069$). Não se verificam diferenças significativas entre faixas etárias no que diz respeito à opinião de que a violência se dirige mais ao sexo feminino ou que não se aplica. Contudo, observa-se que há uma percentagem significativamente superior de pessoas com 40 ou mais anos (91%), do que pessoas entre os 19 e os 24 anos (81.9%), a responder que se dirige mais ao sexo masculino.

A opinião sobre quem exhibe mais comportamentos de racismo apresenta uma associação significativa com as classes etárias ($\chi^2(33) = 517.897, p < .001$). Identificam-se diferenças significativas nas opções adeptos/as, atletas, treinadores/as, meios de comunicação social e claques. Em todas estas diferenças, as pessoas mais velhas (40 anos ou mais) apresentam uma percentagem de respostas inferior às restantes classes etárias. As opiniões não diferem significativamente entre classes etárias no que diz respeito a serem os/as encarregados/as de educação, equipa técnica e instituições a exhibir mais atitudes e comportamentos racistas no futebol português.

A avaliação atribuída ao tratamento que é dado aos casos de racismo está associada às faixas etárias ($\chi^2(3) = 18.403, p < .001$). A percentagem de pessoas mais novas (18

ano ou menos) que considera o tratamento dado adequado (28.2%) é significativamente superior à percentagem de pessoas com a mesma opinião nas restantes faixas etárias (15.1%, 11.7% e 15.2%, respetivamente). Para as pessoas acima dos 18 anos, não se verificam existir diferenças significativas relativamente à opinião da adequabilidade do tratamento que é dado aos casos de racismo.

A identificação do motivo a que se deve o tratamento desadequado está igualmente associada às classes etárias ($\chi^2(21) = 299.468, p < .001$). A percentagem de pessoas entre os 19 e os 24 anos que selecionou as causas desvalorização da gravidade dos casos e desadequação da Lei vigente é significativamente superior à percentagem de todas as outras faixas etárias. As pessoas mais velhas (40 ou mais anos) são aquelas que apresentam uma percentagem significativamente inferior no que diz respeito à opinião de que a desvalorização da gravidade dos casos e a incorreta aplicação da Lei vigente são as causas de o tratamento dado aos casos de racismo no futebol português ser desadequado. A existência de uma cultura racista, a ausência de denúncia às autoridades competentes e a desadequação da Lei vigente são as causas onde a percentagem de pessoas entre os 19 e os 24 anos é significativamente superior à percentagem de pessoas mais novas (18 ou menos) e mais velhas (40 ou mais anos) com a mesma opinião.

Finalmente, verifica-se existir também associação entre a classe etária das pessoas e a seleção das medidas para prevenir e combater o racismo no futebol ($\chi^2(24) = 404.525, p < .001$). Considerando todos/as os/as participantes do Estudo, percebe-se que as pessoas com 40 ou mais anos são aquelas que menos selecionaram medidas possíveis para prevenir e combater o racismo no futebol português. No entanto, se contabilizarmos apenas as pessoas que selecionaram pelo menos um item desta questão, observa-se que a percentagem de pessoas com 40 ou mais anos que considera ser necessário um investimento na educação contínua (95.7%) é significativamente superior à percentagem de pessoas com 18 anos ou menos (87.1%). Pessoas com 25 ou mais anos apresentam uma percentagem (83.1% e 82.9%) significativamente superior às pessoas com 18 ou menos anos, relativamente à medida punição dos clubes (70.2%). A medida “Mais visibilidade dos casos nos meios de comunicação social” é aquela em que as pessoas mais novas (24 anos ou menos) diferem significativamente das pessoas mais velhas (25 anos ou mais), apresentando as primeiras uma maior percentagem de

respostas nesta medida. Nas restantes medidas não existem evidências amostrais para dizer que haja uma diferença significativa entre as faixas etárias.

3. Considerações finais

O presente Estudo permite concluir que uma percentagem muito expressiva de pessoas considera existir racismo no futebol em Portugal, sendo que são as mulheres e as pessoas mais jovens aquelas que o afirmam de forma mais veemente.

Da análise dos dados é possível identificar uma associação entre o sexo das pessoas participantes e a seleção dos motivos que levam à discriminação, à existência de racismo, ao ter-se vivido/testemunhado atitudes e comportamentos racistas, a quem foram reportados os casos de racismo, o tipo de violência identificado, a opinião sobre quem exhibe mais comportamentos racistas, os motivos que explicam o tratamento desadequado dado aos casos e as medidas selecionadas para prevenir e combater o racismo no futebol. Em todas estas associações verifica-se que a percentagem de mulheres que identificou as opções apresentadas é significativamente superior à percentagem de homens que o fez.

Quanto ao sexo das pessoas a quem mais se dirige o racismo, quer homens quer mulheres identificaram o sexo masculino como sendo o mais vitimado. Contudo, quando se trata da identificação do sexo feminino como aquele a quem mais se dirige o racismo, a percentagem de mulheres que o identifica é superior à dos homens. O inverso acontece quando se identifica que o racismo se dirige ao sexo masculino.

Assim, para mulheres e homens, de todos os grupos etários e de todas as condições de participação, é unânime os homens serem identificados como os principais alvos de racismo no futebol português, assim como as pessoas adeptas e as claques serem identificadas como quem mais o pratica. O racismo é praticado, frequentemente, durante os jogos.

Na mesma linha, uma percentagem muito significativa de pessoas, com destaque especial para as mulheres, entende existir discriminação no futebol em Portugal em função do género, da cor da pele, da etnia, da orientação sexual/identidade de género e da diversidade funcional. Para as mulheres a discriminação no futebol baseia-se predominantemente no género e para os homens na cor da pele. Para os e as jovens

com menos de 18 anos, a cor da pele é a principal razão de discriminação no futebol e para as pessoas com 40 anos ou mais é a orientação sexual/identidade de género. São as pessoas treinadoras e dirigentes aquelas que mais reconhecem a discriminação com base na orientação sexual/identidade de género.

Salienta-se o facto de serem as pessoas de faixas etárias mais novas aquelas que apresentam maior percentagem na seleção de motivos que levam à discriminação, na afirmação que existe racismo e na identificação das suas manifestações mais comuns.

A grande maioria das pessoas inquiridas nunca praticou nenhuma forma de racismo no futebol em Portugal. Mais de metade da amostra, com especial destaque para o grupo cujas idades são iguais ou superiores a 40 anos, admitiu ter vivenciado/testemunhado, mais do que uma vez, atos de racismo. Neste caso, a percentagem de homens é mais elevada do que a das mulheres, sendo que os primeiros informaram/denunciaram as situações aos/às árbitros/as, em primeira instância e, as segundas, aos/às treinadores/as. São os/as jornalistas aqueles/as que referem mais ter vivenciado/testemunhado casos de racismo no futebol em Portugal.

Independentemente do sexo, da idade e da condição de participação, as pessoas indicam como manifestação mais comum de racismo no futebol em Portugal a violência verbal. Com efeito, quando escrutinadas as narrativas das pessoas participantes reforça-se a evidência de que a forma de racismo mais praticada no futebol é o insulto.

São as mulheres que fazem mais referência à violência sexual associada às práticas de discriminação. Estas são, pois, as principais visadas no que ao discurso sexista diz respeito, sendo patentes os estereótipos de que “o futebol não é para mulheres” e de que “o lugar das mulheres é na cozinha”. Neste caso, as árbitras figuram como principais alvos destas atitudes/comportamentos.

Todos os grupos entendem que o tratamento que é dado aos casos de racismo no futebol em Portugal é desadequado, sendo que a faixa etária a partir dos 40 anos é aquela que o expressa de forma mais significativa. Para as pessoas inquiridas o tratamento desajustado que é dado às situações de racismo deve-se fundamentalmente à desvalorização da gravidade dos casos, à ausência de denúncia às autoridades competentes e à perpetuação de uma cultura racista na sociedade portuguesa. Para todos os grupos a desvalorização da gravidade dos casos é o motivo que mais sobressai.

Genericamente são as pessoas entre os 19 e os 39 anos aquelas que mais selecionam as causas listadas quando comparadas com as pessoas mais velhas e as mais novas.

A punição das pessoas adeptas, como principal medida para prevenir e combater o racismo no futebol, é indicada por mulheres e homens de todas as faixas etárias. São as pessoas encarregadas de educação, outros elementos da equipa técnica e membros do *staff* as/os únicos/as a considerar que a principal medida deveria ser o investimento na educação contínua.

Os resultados do Estudo apontam no sentido da necessidade premente de se colocar o tema do racismo no futebol em Portugal na agenda política, social e académica, assumindo-o como uma prioridade. A par do racismo, também as questões do sexismo, da homofobia, da ciganofobia e da xenofobia têm que ser visibilizadas com vista a serem definidas linhas complementares de prevenção e de combate.

Em termos de limitações à investigação, sublinham-se os constrangimentos associados à reduzida acessibilidade às potenciais pessoas participantes, motivados pela pandemia por COVID-19. Também o facto de a equipa de investigadores/as não estar dedicada ao Estudo em regime de tempo integral constituiu uma limitação.

Para investigações futuras, seria fundamental o desenvolvimento de estudos qualitativos que pudessem aumentar a compreensão sobre os impactos do racismo e da discriminação na saúde das pessoas que os sofrem, bem como no exercício da prática desportiva. Seria igualmente crucial amplificar a recolha de dados no que às questões do sexismo, da homofobia, da ciganofobia e da xenofobia dizem respeito.

Tel: +351 932698756

direcao@associacaoplanoi.org



Se testemunhou, é ou foi vítima de racismo no futebol, denuncie [aqui](#).